

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LIA GABRIELA BALBY SZTUTAMN

Lollapalooza Brasil: impactos no espaço urbano através de um megaevento

São Paulo

2024

LIA GABRIELA BALBY SZTUTMAN

Lollapalooza Brasil: impactos no espaço urbano através de um megaevento

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo R.H.F. Valverde

São Paulo

2024

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 glastonbury festival em números 6.	14
Figura 3 - mapa do primeiro lollapalooza brasil (2012)	19
Figura 5 e 6 - line ups lollapalooza berlin (2024) e lollapalooza mumbai (2025)	21
Figura 7 - modelo construção bairro interlagos de 1938.	26
Figura 11 - gilmar de santana dono da “laje do gilmar” na avenida interlagos, vizinho do autódromo.	29

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de Localização.	24
Mapa 2- Mapa acesso ao autódromo.	25
Mapa 3 - Síntese das propostas para reestruturação urbana do arco jurubatuba).	30
Mapa 4 - Comunidades ameaçadas pelo PIU Arco Jurubatuba.	32

SUMÁRIO

Introdução	5
Capítulo 1 - Megaeventos no contexto das cidades globais	7
2.1 Origens: Festivais internacionais de música	13
2.2 Lollapalooza	17
Capítulo 3 - Sobre comportar megaeventos na cidade	24
3.1 O Autódromo de interlagos	24
3.2 Arco jurubatuba e arredores do autódromo	29
Capítulo 4 - Impactos do Lollapalooza na cidade de São Paulo	34
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	39
Sites, Artigos de Jornais e Revistas	40

Introdução

O festival Lollapalooza, criado em 1991 pelo músico Perry Farrell, surgiu como um marco cultural que celebrou a diversidade musical e consolidou-se como um dos principais eventos de música alternativa do mundo. Inicialmente itinerante nos Estados Unidos, o festival passou a contar com edições fixas num modelo de megaevento em diversos países, incluindo o Brasil, onde sua primeira edição foi realizada em 2012. O Lollapalooza São Paulo é realizado anualmente no Autódromo de Interlagos, na Zona Sul da capital paulista, reunindo um público médio de 300 mil espectadores em suas edições anuais (Observatório de Turismo e Eventos da SPTuris, 2023). Mais do que um evento musical, o Lollapalooza é um catalisador de transformações urbanas e econômicas, com impactos significativos na configuração do espaço urbano, na mobilidade e nos setores de turismo e serviços da cidade.

Os megaeventos culturais têm assumido papel central na dinâmica contemporânea das grandes metrópoles, refletindo transformações significativas nos usos e formas de apropriação do espaço urbano. Num contexto do Empresariamento Urbano, conceito discutido pelo autor David Harvey, em que a lógica neoliberal é utilizada para realizar transformações nas cidades, megaeventos aparecem como uma ferramenta para afirmar poder global num contexto de cidades globais competindo por status. Neste contexto se estuda o festival Lollapalooza neste trabalho como um megaevento entendendo seu papel na cidade de São Paulo para alcançar o status. Ao mesmo tempo, se estuda os impactos econômicos e sociais do evento na Urbanização da cidade e os efeitos diretos causados nos arredores do autódromo de interlagos.

A região nos arredores do autódromo apresenta contradições e problemas nos planos de remodelação da mercadoria espacial. Entende-se que megaeventos são de interesse de grupos como grandes empreiteiras, o mercado imobiliário, grandes empresas de comunicação e tecnologia e outros grupos que se beneficiam da realização de um evento, portanto conduzem ações que miram o sucesso de seus interesses. Inseridos na Ideologia neoliberal, a geração de capital rege todas as intervenções desses grupos. No âmbito espacial o que se comprehende é que “A coalização desse grupo de grandes empresas leva necessariamente à elitização das áreas “beneficiadas” pela dinâmica das intervenções.”(VIANNA, 2019). Entre favelas e condomínios privados, a prefeitura idealizou um plano de intervenção urbana na região (PIU).

Analisou-se o processo que está ocorrendo no Arco Jurubatuba para compreender em profundidade as remodelações urbanas causadas pela importância do autódromo para os megaeventos em São Paulo. As consequências nos entornos do autódromo não são restritas à região e nem à cidade de São Paulo, pois pertencem a um modelo que vem sendo recriado no contexto das cidades globais, “Isto é, aquelas que congregam capitais simbólicos, intelectuais, entre outros atributos. (VIANNA, 2019). Estes espaços tendem a remodelar e reestruturar sua hierarquia urbana, gerando elitização e gentrificação. Isso reestrutura a divisão social e promove cidades pautadas pela segregação espacial. Megaeventos como os festivais de música Lollapalooza e o The Town estão inseridos neste modelo de reprodução do espaço e por isso permitem a transferência de suas experiências por diversas cidades globais. Importar festivais significa importar sistemas de reprodução do capital mundial, pautados no conceito de cidade mercadoria.

A região nos arredores do autódromo apresentou contradições e problemas nos planos de remodelação da mercadoria espacial. Megaeventos, sendo de interesse de grupos como grandes empreiteiras, o mercado imobiliário, grandes empresas de comunicação e tecnologia e outros grupos que se beneficiam da realização de um evento, conduzem ações que miram o sucesso de seus interesses. Inseridos na Ideologia neo liberal, a geração de capital rege todas as intervenções desses grupos. No âmbito espacial o que se comprehende é que “A coalização desse grupo de grandes empresas leva necessariamente à elitização das áreas “beneficiadas” pela dinâmica das intervenções.”(VIANNA, 2019). Entre favelas e condomínios privados, a prefeitura idealizou um plano de intervenção urbana na região (PIU), que foi analisado em maior profundidade no capítulo 2.

Por fim, no capítulo 3 se discutiu os impactos diretos da realização do festival na cidade de São Paulo e arredores do autódromo nos dias de evento. Foram utilizadas para o servir o paradigma econômico os dados divulgados pela prefeitura, pelo festival e pelo Observatório de Turismo e Eventos da SPTuris nos anos de 2023 e 2024, além de uma coleta de reportagens.

Assim, o presente trabalho busca discutir os impactos do Lollapalooza no contexto urbano paulistano, analisando como o megaevento articula dinâmicas de transformação urbana e consolida tendências de empresariamento das cidades. A partir de uma abordagem crítica, o estudo aborda tanto os benefícios econômicos quanto os desafios sociais e espaciais impostos por megaeventos, com especial atenção ao papel do Autódromo de Interlagos como território emblemático dessas transformações.

O texto “Do Gerenciamento ao Empresariamento” do autor David Harvey foi utilizado como principal referência teórica para as análises feitas neste trabalho. Trabalhando suas ideias em paralelo com as ideias de Milton Santos sobre cidades globais e a globalização. Também como fontes bibliográficas foram utilizadas reportagens, dados coletados da prefeitura de São Paulo e do Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo (OTE).

Capítulo 1 - Megaeventos no contexto das cidades globais

Nas últimas décadas, sediar megaeventos vem servindo como uma forma de afirmar a competitividade neoliberal entre cidades e/ou países ao redor do mundo. “Grandes eventos significam uma das formas pelas quais o Estado define, permite, influencia e acelera intervenções do capital nacional e internacional, por meio de organizações privadas” (RODRIGUES, 2013, página 02). O espaço, na perspectiva de produto, se coloca como a condição de venda da imagem das cidades que se tornam o meio para reprodução do capital.

O geógrafo David Harvey em seu artigo "Do Gerenciamento ao Empresariamento" destaca que, a partir da década de 1970, houve uma transição do modelo tradicional de gerenciamento urbano, focado no bem-estar social e no planejamento público, para o modelo de "empresariamento" urbano, que prioriza a competitividade econômica e a atração de investimentos.

Essa mudança reflete a adoção de estratégias neoliberais, nas quais cidades são tratadas como empresas que competem por recursos, turistas, grandes eventos e investimentos globais. Nesse contexto, as políticas públicas passam a ser orientadas para beneficiar elites econômicas, frequentemente em detrimento das necessidades da população local. Essas políticas geram impactos como a gentrificação, a privatização de espaços públicos e a ampliação das desigualdades sociais.

Este trabalho será analisado sob essa ótica levantada por Harvey, entendendo que o Festival de música Lollapalooza é um megaevento e que megaeventos nesse contexto são o

produto de interesse para as cidades que reformam sua urbanização com intenção de atrair capital externo e privado. As cidades são tratadas como mercadorias em função das dinâmicas impostas pelo capitalismo neoliberal. Dessa maneira não são mais vistas apenas como espaços de convivência e prestação de serviços públicos, mas como ativos econômicos, projetados para atrair investimentos, promover competitividade global e oferecer experiências de consumo para uma elite globalizada.

A maior ênfase na ação local para combater tais males também parece ter algo a ver com o declínio dos poderes do estado nação no controle do fluxo monetário multinacional, de maneira que os investimentos tomam cada vez mais forma de uma negociação entre o capital financeiro internacional e os poderes locais, os quais fazem o máximo possível para maximizar a atratividade local para o desenvolvimento capitalista. (Harvey, 1996, p. 50)

Harvey destaca algumas características fundamentais do empreendedorismo urbano, a centralidade das políticas de parcerias públicas e privadas em que as cidades sob a lógica neoliberal, passam a competir entre si por investimentos, turistas, grandes eventos e talentos globais. Essa competição promove a adoção de políticas e estratégias capitalistas para tornar as cidades atraentes aos olhos de corporações e investidores. Este processo favorece gestões urbanas em que governos tomam decisões a favor de estabilizadores do capitalismo e os territórios são regidos pelas noções do mercado. A promoção de megaeventos, como Jogos Olímpicos ou festivais culturais, é um exemplo desse esforço competitivo e centralidade das políticas de parceria públicas e privadas.

Outra característica desse modelo de gestão é o caráter especulativo de seu planejamento, a influência do capital privado estimula novos empreendimentos de alto risco, porém todo risco fica concentrado no setor público, que arca com as consequências dos investimentos pelo interesse no fator de competição global entre as cidades. Governos locais redirecionam recursos públicos para subsidiar projetos privados, como grandes empreendimentos imobiliários, reurbanizações e infraestruturas voltadas ao consumo e lazer.

Por fim, o autor cita que “O empresariamento tem como foco de atenção muito mais a economia política local do que do que do território” (Harvey, 2005, p. 53), entendendo que os investimentos que abrangem o bem comum de uma população, como educação e habitação, ficam em segundo plano, em contraste com investimentos diretos para promover uma melhor imagem de uma cidade. As reformas realizadas no autódromo de interlagos em São Paulo,

financiadas pelo governo, com intenção de comportar mais eventos com melhor estrutura é um exemplo desse tipo de investimento direcionado.

Harvey também entende a globalização como um agente impulsionador do empresariamento, já que o autor entende o processo como um processo não homogêneo, mas sim desigual e intensificador das disparidades econômicas entre países e regiões. O autor Milton Santos, em seus estudos sobre a globalização, apresenta pontos de convergência com perspectiva que Harvey trabalha o conceito. Ambos os autores concordam que a globalização é um processo desigual e concentrador de riqueza, alimentado pelas dinâmicas do capitalismo neoliberal. Ambos também destacam os impactos territoriais e sociais, como a intensificação das desigualdades, a exclusão social, e a transformação das cidades em mercadorias ou em "lócus de circulação do capital global". Porém tratam seus estudos sobre perspectivas e conclusões diferentes.

Milton Santos apresenta a globalização a partir de uma perspectiva humanista e crítica, descrevendo-a como uma "globalização perversa". Destaca o caráter excludente do processo, no qual as forças do mercado dominam as relações sociais e territoriais. Em suas palavras:

Agora, a competitividade toma o lugar da competição. A concorrência atual não é mais a velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão. A competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar. Os últimos anos do século XX foram emblemáticos, porque neles se realizaram grandes concentrações, grandes fusões, tanto na órbita da produção como na das finanças e da informação. Esse movimento marca um ápice do sistema capitalista, mas é também indicador do seu paroxismo, já que a identidade dos atores, até então mais ou menos visível, agora finalmente aparece aos olhos de todos. (Santos, 2001, p. 23)

Santos enxerga que o fenômeno do mundo globalizado estimula a competitividade entre os territórios e cidades na perspectiva das cidades globais, conceito estabelecido por Saskia Sassen passam a se “vender” num contexto global implicando em novas formas de urbanização. Esta forma de venda implica em destaque no setor econômico, que permita empresas transnacionais e fluxos de capital internacional fluírem sem impedimentos. Dessa maneira Saskia Sassen (1991) descreveu cidades globais como “centros estratégicos para a economia global, onde se localizam as sedes de corporações multinacionais e instituições financeiras, além de desempenharem um papel crucial na intermediação entre as dinâmicas locais e globais”.

Entendendo que centros estratégicos para economia global implicam em cidades que tenham setores terciários como regedores da sua economia. O autor Milton Santos analisa o conceito numa perspectiva diferente de Saskia Sassen. apontando que esse avanço do setor terciário, regido pela dinâmica do Capitalismo geram exclusão e desigualdades socioespaciais. As infraestruturas são concentradas em ambientes de interesse e a disparidade dentro da própria urbanização das cidades é enorme. A contradição entre local e mundial é constante e suportada por uma “vitrine”, o que cidades apresentam ao mundo e o que omitem.

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (Santos, 2001, p. 09)

Santos alerta para a tendência de homogeneização espacial e cultural do planeta através da lógica do mercado. Indicando um urbano mercantilizado, em que nesse caso as cidades globais são responsáveis pela difusão da lógica neoliberal, funcionando como laboratórios e referências de práticas econômicas e urbanísticas que são replicadas em outras cidades ao redor do mundo. E neste contexto a competição é inevitável e a homogeneização espacial é desejável, já que os esforços são direcionados para copiar espaços de desejo, copiados de outras cidades globais.

Assim, a partir do que foi discutido acima, entende-se que megaeventos se tornam ferramentas perfeitas para cidades alcançarem o *status* de cidades globais, discurso promovido pelo urbanismo empresarial, já que fornecem visibilidade internacional e estimulam o fluxo de pessoas e de capital. No contexto de um megaevento, as cidades ou países movimentam-se em torno de deixar mais atrativo seus espaços. “A ênfase para se sair vitorioso e sediar um evento é vender a imagem da(s) cidade(s) e/ou dos países, de um espaço socialmente produzido – infraestrutura, hotelaria, estádios ou áreas de exposição, vias e meios de transporte, aeroportos, etc.”(RODRIGUES, 2007).

A autora Maria Gravari-Barbas analisa o conceito de megaeventos como ferramenta de status para cidades de maneira mais profunda, tratando o conceito do festivo para uma cidade na perspectiva da geografia. A autora discute que algumas cidades não apresentam mais eventos pontuais, mas se tornaram verdadeiros polos de eventos ou “cidades festivas”.

Na economia urbana pós-moderna, a constituição da cidade festiva parece assim se inscrever em uma lógica de posicionamento das cidades no sistema dos lugares em competição. Nesse contexto, as novas estratégias de crescimento tornam-se assim cada vez mais simbólicos e de natureza ideológica. Os eventos festivos que ocorrem aí, se aproveitam disso e ao mesmo tempo trazem suas próprias vantagens simbólicas (Gravari-Barbas, 2011, p. 213)

As cidades se aproveitam não apenas da visibilidade dos megaeventos, mas de sua simbologia social e cultural para compor sua imagem. Os festivais contribuem para produzir e moldar a identidade dos espaços. No caso da cidade de São Paulo, um calendário lotado de megaeventos como festivais de música com atrações internacionais e nacionais transmite uma imagem de cidade onde “tudo acontece” e coloca a cidade num patamar turístico de relevância dentro do Brasil. A “cidade que nunca para” se colocou relevante dentro do turismo interno do país sustentada por seus eventos estimulando o turismo cultural. De acordo com os dados do Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo (OTE) edição de 2022 do festival Lollapalooza movimentou cerca de R\$ 931,3 milhões de forma direta e indireta e que cada turista gastou cerca de R\$3.499,02 na cidade durante o festival.

São Paulo se consolida como o palco para os grandes festivais de música no Brasil e investe cada ano mais dinheiro no setor. Para manter o setor em crescimento, a Secretaria de Turismo e Viagens de São Paulo promoveu um Fórum Internacional de Investimentos para o Turismo de São Paulo, procurando investimentos e financiamentos privados para compor os projetos paulistas. Conforme divulgado pelo Governo do Estado de São Paulo (2024) a projeção é de atrair 7 bilhões de reais. Foram apresentados 34 projetos, entre eles a readequação do edifício Martinelli, um dos primeiros arranha-céus do país, na capital, com previsão de um novo restaurante, bar temático e entretenimento no terraço e subsolo. Por fim, o Governo do Estado de São Paulo relatou que o evento foi uma iniciativa para garantir o setor privado como um parceiro estratégico do Estado na promoção do desenvolvimento e na geração de emprego e renda.

Uma das características do empresariamento urbano descrito por Harvey é a interação setor público e privado em que através de empreendimentos pontuais e especulativos cidades podem trabalhar no seu “branding” e criar uma imagem globalmente atrativa, promovendo uma "marca" que associe a cidade a valores como inovação, criatividade ou sustentabilidade. As iniciativas tomadas pelo Governo do Estado de São Paulo em parceria com o governo municipal da cidade de São Paulo, se demonstram aptas para essa forma de empresariamento

em sua administração urbana. Estimulando projetos pontuais em parcerias público privadas na área do entretenimento, numa tentativa de fortalecer o turismo e sua imagem como cidade global relevante em seus eventos e acontecimentos.

Dessa maneira os apelos no meio de uma negociação de um estado com uma entidade privada passam para além do âmbito da infraestrutura. É também sobre a simbologia e seu impacto no imaginário de uma cidade, de uma marca e de seu público. Como argumentou Vianna: “O campo simbólico combinado aos megaeventos propõe situar as cidades no nível do mercado global, isto é, torná-las atraentes ao capital internacional”(VIANNA, 2019). Outro exemplo desse movimento no Brasil é a cidade Rio de Janeiro que, quando em parceria com o Banco Itaú, oferece um marco da cidade, a praia de Copacabana, para sediar o show final da turnê de 40 anos de carreira da Madonna, congela uma imagem de seu espaço a ser reproduzida para o mundo. Este tipo de imagem perpetua a mudança do espaço como produto social, para o espaço produto para reprodução da capital e coloca o Rio de Janeiro num contexto de uma cidade global.

O Brasil nos últimos 10 anos sediou uma grande quantidade de megaeventos, como a copa do mundo e as olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro, porém uma das áreas que mais realizou megaeventos foi a da música e entretenimento. A cidade de São Paulo sediou no ano de 2023 quatro grandes festivais de música internacionais e shows de grandes nomes da música como Taylor Swift Alanis Morissette; Paul McCartney; Roger Walters; RBD; Red Hot Chilli Peppers; Coldplay; The Weekend. “Os shows musicais, feiras e eventos impulsionaram a atividade turística na capital expandindo 9,2% após três meses de variações negativas, tornando-se também o melhor momento em três anos. (CNN Brasil, 2024).

Um setor tão lucrativo se coloca como cada vez mais atrativo para o poder público e para produtoras internacionais de entretenimento. Um mercado mundialmente aquecido após período de pandemia mundial impulsionou artistas a sair em turnês, e festivais procurarem novos espaços para expandir seus mercados para além do mercado americano e europeu. O Brasil neste contexto se apresenta como um país com público diverso e engajado com infraestrutura para sediar megaeventos e muito interesse público em concretizar acordos com as produtoras e o capital privado dos patrocinadores. Artistas anunciam com orgulho que estarão vindo ao Brasil, porém raramente passam por outra região que não a Sudeste do país. São Paulo e Rio de Janeiro ainda se colocam como polos do entretenimento no país e movimentam, internamente, o turismo do país.

Ambas as cidades passaram por mudanças profundas em seus espaços nos últimos anos para atrair eventos. Em São Paulo o autódromo de Interlagos passou por reformas financiadas pela prefeitura de São Paulo, porém encomendadas pelo festival de música The Town. “Foram aplicados R\$190 milhões em intervenções importantes, como pavimentação, rede de esgoto e adequação da área central do circuito” (Prefeitura de SP), com mais intervenções anunciadas para a região, como a expansão das vias de acesso ao autódromo e um túnel de acesso ao trem da cptm. Do ponto de vista financeiro o investimento foi extremamente positivo para a cidade, a própria prefeitura divulgou um valor estimado de movimentação financeira de R\$1,7 bilhão com a realização do festival.

Nos próximos capítulos iremos analisar em profundidade a região do Autódromo de Interlagos, casa do festival Lollapalooza nos últimos anos, além de contextualizar a história do festival e sua inserção na evolução dos festivais musicais de ambientes de protesto e produção cultural a megaeventos.

Capítulo 2 - Mais que um festival

2.1 Origens: Festivais de música

Grandes festivais de música têm suas raízes em eventos culturais e sociais e nem sempre estiveram atrelados a reprodução do capital. Esse tipo de evento se desenvolveu ao longo do século XX e apenas se tornou em megaevento com as características empresariais e globais nos anos 80. Esses festivais nascem como espaços dedicados à celebração da música, diversidade cultural, fomentando ideias e causas sociais.

A autora Anaïs Fléchet em seu trabalho “Por uma história transnacional dos festivais de música popular”. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970” Descreve que os primeiros festivais foram criados na França e nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial com intuito de divulgar novidades do Jazz. “Na canção, o primeiro evento de grande porte foi o festival de San Remo, criado na Itália, em 1954. Existe, então, uma história dos festivais de música anteriores à década de 1960. Todavia, os anos 60 e 70 são geralmente considerados como o período de “nascimento” dos festivais de música popular.” (FLECHET, 2011, p. 258).

Os festivais se tornaram palcos icônicos para a história da música e marcaram as cidades que os recebem. Um exemplo disso é o Newport Jazz Festival, fundado em 1954 nos Estados Unidos, que foi um dos primeiros a reunir grandes artistas de jazz e a atrair multidões. Em 1959, o Newport Folk Festival surgiu com foco no folk e foi palco de momentos históricos, como a famosa performance de Bob Dylan em 1965, quando tocou guitarra elétrica, rompendo com as tradições do folk. Newport Jazz Festival ainda ocorre todos os anos em Nova York.

O marco mais importante para os festivais de música nos anos 60 foi o Festival de Woodstock, em 1969. Realizado em uma fazenda em Bethel, Nova York. Woodstock se tornou um símbolo da contracultura, reunindo mais de 400 mil pessoas e promovendo ideais de paz, amor e resistência à guerra do Vietnã. Bandas como The Who, Jimi Hendrix e Janis Joplin participaram, solidificando o evento como um dos mais importantes da história da música.

Flechet também ressalta as modificações do meio tecnológico, como impulsionadores para o crescimento dos festivais de música. As possibilidades técnicas de transmissão multiplicaram o impacto dos festivais, transmissões foram vistas em tempo real em diversos

países do mundo. As mutações do “sistema técnico”, deram um novo impulso aos festivais, que ganharam visibilidade no nível internacional e contribuíram para a criação de uma nova cultura jovem, além das fronteiras culturais tradicionais. (FLECHET, 2011, p. 260).

Nos anos 70 e 80 novos festivais ganharam notoriedade e, como o Glastonbury Festival, no Reino Unido, iniciado em 1970. Inspirado pelos ideais de Woodstock, Glastonbury se estabeleceu como um evento anual que celebra não apenas a música, mas também a arte e a consciência ambiental. O artigo produzido pelo museu Victoria and Albert Museum em Londres sobre o festival relata que “Os fundadores elaboraram um manifesto que expôs os enfoques ambientais e espirituais que estão no cerne do espírito do Festival. Os fundadores do Festival viram o evento como um local para a “expressão de pessoas de pensamento livre”. O evento evoluiu e hoje é um dos maiores da Europa, produzindo um impacto estimado na economia local de 100 milhões de Libras. Sem perder seu caráter político, para se manter um mega evento desse tamanho, a direção artística mudou, focando em gêneros musicais como pop e hip hop para seus headliners e em menos peso em artistas do underground britânico.

Glastonbury em Números:

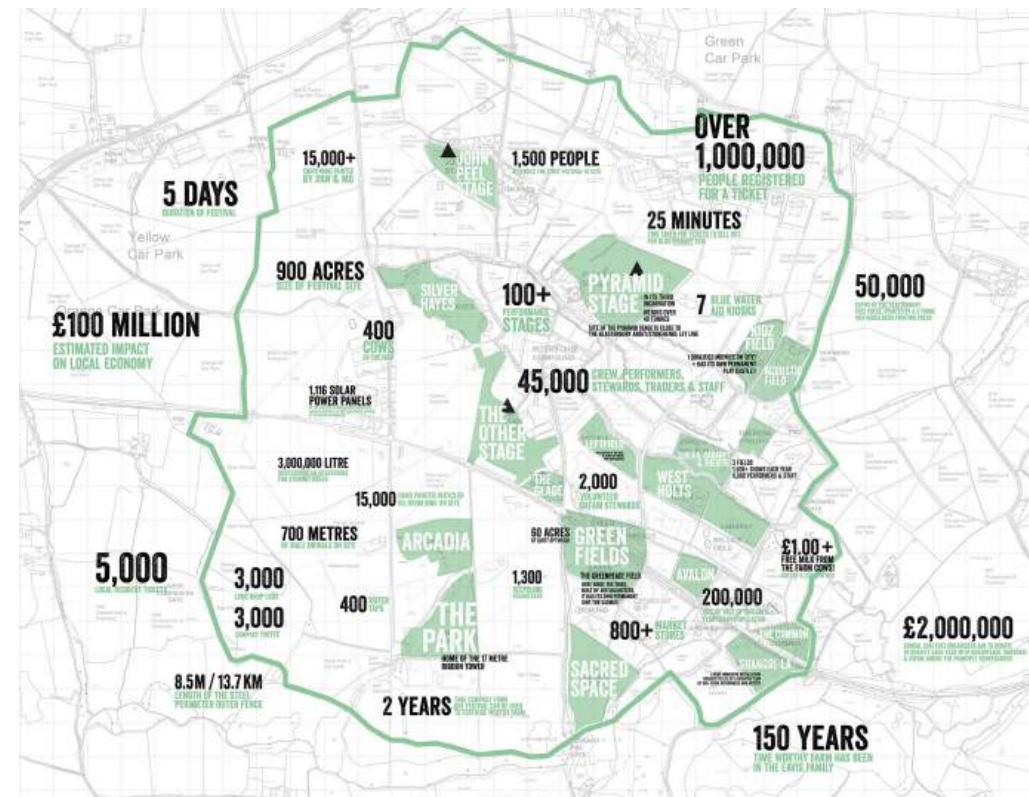


Figura 1- Glastonbury Festival em números V&A. The history of Glastonbury Festival. Disponível em: <https://www.vam.ac.uk/articles/the-history-of-glastonbury-festival>. Acesso em: 10 dez. 2024.

A partir dos anos 1990, os festivais de música começaram a se diversificar e se tornaram mais comerciais, atraindo uma variedade de gêneros musicais além do rock e do folk, como o hip hop, a música eletrônica e o pop. O Lollapalooza, fundado em 1991 por Perry Farrell, vocalista da banda Jane's Addiction, é um desses novos modelos, combinando rock alternativo, performances visuais e arte urbana. O Lollapalooza evoluiu de uma turnê itinerante nos EUA para um festival global com edições na América Latina e Europa.

se destaca dos demais festivais pela diversidade e inovação [...] O seu caráter itinerante traz outro aspecto que acaba se convertendo em uma característica do início do Lolla, em que o festival vai até o público, e não o público se desloca para ir ao festival. Entretanto, após alguns anos o Lollapalooza toma o formato mais comum dos festivais. Sua chegada ao Brasil reforça o interesse dos brasileiros em participar de festivais internacionais e agrega mais um evento na agenda (RUAS, 2013, p. 18).

Lollapalooza, junto ao Coachella Valley Music and Arts Festival, criado em 1999 na Califórnia, famoso pela mistura de grandes nomes da música com a cena indie e pela integração de arte e moda, marcam a criação de um novo tipo de modelo de festival e megaevento, se distanciando da contracultura e se aproximando de um modelo de negócios e padrões culturais, reproduzíveis ao redor do mundo.

O ano de 2010 marca uma nova era em que os festivais de música se tornaram ainda mais globais em que modelos passam a ser reproduzidos pelo mundo, como o Lollapalooza, mirando cidades globais capazes de receber os eventos. A dissipaçāo dos megaeventos musicais nessas cidades está diretamente atrelada à capacidade desses espaços de fornecer os meios financeiros e estruturais para realização desses eventos. Além dos interesses mútuos estabelecidos pela relação de reciprocidade e dominação do capitalismo reproduzido nas cidades. Conceito discutido pelo geógrafo David Harvey que identificou a mudança no modo de gerir uma cidade global para empresariar uma cidade global, de modo que a mesma deve-se apresentar o mais desejável e vendável para atrair eventos como esse novo formato de megafestival.

Assumimos aqui que o Brasil entrou no circuito mundial de festivais com o Rock in Rio (1985). O mesmo se expandiu para outros países e se consolidou como um dos maiores

festivais do mundo, apresentando uma mistura de gêneros e grandes nomes da música global. O primeiro Rock in Rio custou 11 milhões de dólares e não contou com incentivos econômicos do poder público. Para realizar o festival, Roberto Medina, diretor da Artplan Eventos (agência de publicidade) que, em 1980, trouxe ao Brasil o cantor Frank Sinatra, buscou patrocinadores. A Brahma, primeira parceria, viabilizou 1 milhão de dólares, e ficou com a venda exclusiva de cerveja e refrigerante. Outra parte da verba veio das empresas que se instalaram nas 34 lojas no mini-shopping, cuja construção foi financiada por elas. (ENCARNAÇÃO, 2011, p. 349). A situação descrita acima exemplifica outra marca desse período dos megafestivais, que além de depender de forças governamentais gerindo a infraestrutura dos espaços, confia igualmente no capital privado impulsionando o modelo.

Festivais também se diversificaram em termos de temática e público, com eventos curados por gêneros musicais específicos e marcas que contribuem para a imagem e ideias do evento. Os eventos tornaram-se muito mais que uma experiência musical, mas um encontro social, em que muitas vezes música e arte tomam o segundo plano. Ao deixar em primeiro plano o espaço de exposição para patrocinadores e marcas, transforma-se em um local de consumo de experiências e produtos. Tal modelo pode ser reproduzido com facilidade em qualquer cidade que se apresente interessada, capitalizada e capacitada, a despeito dos impactos que possam causar no espaço urbano.

2.2 Lollapalooza

O Lollapalooza é um dos festivais modernos de música mais icônicos, com uma história que reflete mudanças culturais e tendências musicais desde sua fundação em 1991. Criado por Perry Farrell, vocalista da banda Jane's Addiction, o festival começou como um evento itinerante nos Estados Unidos e se transformou ao longo dos anos em um megaevento global com presença em 7 países: Chile, Argentina, Brasil, Alemanha, França, Suécia e Índia. O evento foi inspirado no Reading Festival no Reino Unido e foi idealizado como um berço para música alternativa. No início dos anos 1990, os organizadores do Lollapalooza estavam apreensivos com a possibilidade de lotar 28 datas nos Estados Unidos, dado que bandas alternativas ainda não estavam atraindo grandes públicos naquela época (GRAMMY, 2023).

O evento foi impulsionado pela ascensão do rock alternativo no início dos anos 1990, especialmente durante as edições de 1992 e 1993, que contaram com a presença de artistas grunge e alternativos, além de frequentemente incluírem apresentações de rap. Os festivais

também incorporaram novos espaços para além dos palcos dedicados a microfones abertos, leituras, oratória, além de serviços como tatuagens e piercings. Após a edição de 1991, foi introduzido um segundo palco e, em 1996, um terceiro, permitindo uma ampliação no line up com bandas menores e locais, tornando o evento também como uma incubadora de novos talentos.

Nirvana foi programado para ser a banda principal no festival de 1994, mas a banda saiu do festival em 7 de abril de 1994. Na época, a banda já era vista como o símbolo do grunge rock e da cena alternativa, algo que incomodava Kurt Cobain. Em 6 de abril, antes do corpo do músico ser encontrado, o Nirvana anunciou que estava se retirando da turnê, alegando preocupações com a saúde do vocalista (American Songwriter, 2023). Naquele mesmo ano, o fundador do festival Perry Farrell se juntou ao artista Jim Evans, conhecido por seu trabalho em posters para bandas de rock, para criar uma série de posters e imagens para o evento de 1994. Esses posters espalhados pelo local do festival se tornaram a identidade visual do evento e permanecem até hoje nas versões atuais.

O festival ficou reconhecido não apenas pela sua programação musical, mas também pelas atividades paralelas. As atividades paralelas aos shows no festival Lollapalooza refletiam o espírito alternativo e contracultural que marcou suas primeiras edições. Havia exposições de arte underground, performances de artistas de rua e espaços dedicados a causas sociais e políticas, com ONGs promovendo debates sobre temas como direitos humanos e sustentabilidade.

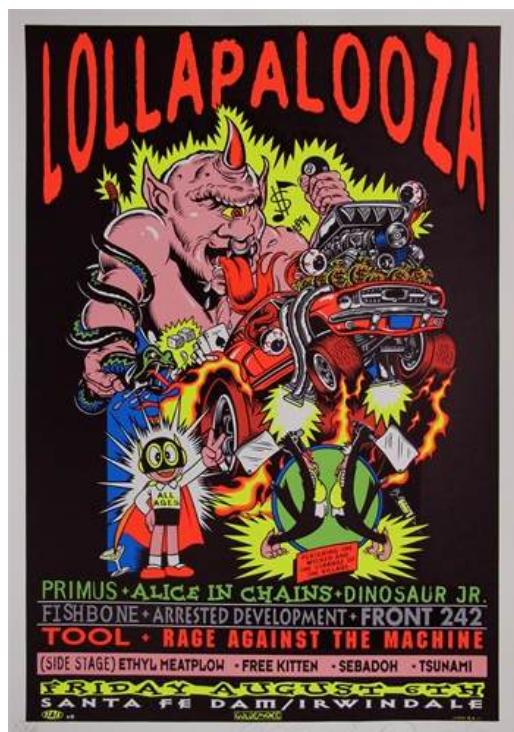


Figura 2 - Poster por Jim & Rolo Evans (TAZ) NEW CITY. The art of Lollapalooza. 20 jul. 2016. Disponível em: <https://www.newcity.com/2016/07/20/the-art-of-lollapalooza/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Em 1996, Farrell decidiu dedicar-se a um novo projeto, o festival ENIT, deixando a produção do Lollapalooza. Neste ano, a inclusão da banda de metal Metallica como atração principal gerou controvérsia, sendo vista como contrária ao espírito do festival, que até então priorizava artistas fora do mainstream. No documentário Lolla: A História do Lollapalooza, Perry Farrell relata que protestou contra essa decisão, argumentando que a postura machista da banda contradizia a visão pacifista do evento, o que levou ao seu afastamento definitivo do Evento.

Nos anos seguintes, houve esforços para diversificar o festival, incluindo artistas de diferentes gêneros, como o músico country Waylon Jennings e grupos de música eletrônica, como The Prodigy. Contudo, em 1997, o conceito original do festival já mostrava sinais de esgotamento. Relatado também no documentário Lolla: A História do Lollapalooza, o festival se viu vítima do seu próprio sucesso, perdendo sua identidade alternativa. Em 1998, a dificuldade em encontrar uma banda principal adequada levou ao cancelamento do evento, marcando um declínio significativo na popularidade do rock alternativo. Na época, a revista Spin declarou: “Lollapalooza é como um coma para o rock alternativo agora”. O festival passou por um hiato de 6 anos após este cancelamento de 1998.

O festival tentou retornar em 2003 e 2004, mas apenas voltou a vida com o retorno de seu fundador Perry Farrell. Em 2005, o Lollapalooza concretizou seu modelo de negócios de sucesso e se tornou o que é exportado nos dias atuais. O evento passou de ser um festival ambulante pelos Estados Unidos a ocorrer apenas na cidade de Chicago no Grant Park, com um Line up grande e diverso. A partir de 2011, a produtora C3 começou uma expansão global que levou o festival para diversos países. A expansão se deu de forma gradual, com o festival sendo adaptado a diferentes públicos e culturas musicais, mantendo seu foco em música alternativa, mas também abrindo espaço para uma diversidade de gêneros musicais. Com isso, o Lollapalooza se consolidou como um verdadeiro "megaevento".

Chile foi primeiro país a receber o festival fora dos Estados Unidos. A cidade escolhida foi Santiago e o evento aconteceu no Parque O'Higgins, onde permaneceu até 2019. A empresa Lotus Producciones foi responsável pela organização do Lollapalooza em Santiago, sob a direção de Sebastián de la Barra e Juan Manuel del Río, que “destacaram a realidade econômica e a segurança do país” (UPI, 2011), para assim conquistarem a confiança de Perry Farrell (criador do festival). Também indicam Santiago como uma cidade

alternativa em relação a São Paulo e Buenos Aires no circuito de megaeventos na América Latina, apresentando como uma oportunidade de descentralizar esses eventos no continente e alinhar com as ideias do festival “alternativo”. A maneira que a Lotus Producciones anunciou a cidade de Santiago com intenção de capitalizar um megaevento exemplifica perfeitamente o processo descrito por Vianna de moldar a presença das cidades para parear sua importância num nível de cidade global e em consequência atrair capital global através do festival.

No ano seguinte o festival chegou ao Brasil e em 2014 na Argentina. O primeiro Lollapalooza no Brasil aconteceu nos dias 7 e 8 de abril de 2012, no Jockey Club de São Paulo. De acordo com blog de notícias FFW do jornal UOL, o evento contou com um público de aproximadamente 135 mil pessoas ao longo dos dois dias e trouxe um line up diversificado com grandes nomes internacionais, como Foo Fighters, Arctic Monkeys, Jane's Addiction, MGMT e Cage the Elephant, além de artistas nacionais como O Rappa e Pitty. O evento também contou com três palcos principais e uma estrutura que promovia a mistura de gêneros musicais e experiências culturais. A edição consolidou o Lollapalooza como um marco no calendário de festivais brasileiros e ficou marcado por sua organização e atmosfera vibrante.



Figura 3 - Mapa do primeiro Lollapalooza Brasil (2012) G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/11/veja-o-mapa-do-festival-lollapalooza-brasil-que-acontece-em-sp.html>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Em 2014 o festival mudou para o autódromo de Interlagos em São Paulo devido à necessidade de um espaço maior e mais adequado para atender à crescente demanda de público e à expansão do festival. O próprio fundador do festival Perry Farrell veio ao Brasil assegurar a mudança e as infraestruturas necessárias para expansão do festival, além do espaço que comportasse um público maior, o transporte público capaz de transportar 100 mil pessoas por dia de festival foi um dos fatores principais para a mudança de localização. O músico realizou uma coletiva de imprensa enquanto andava pela linha Esmeralda da CPTM para comprovar sua eficácia. Em coletiva Perry relatou em relação aos trens:

“Eles são tão lindos e modernos, não é?, [...] No trajeto do aeroporto para o hotel pegamos um trânsito horrível. Aqui, não, é como se estivéssemos voando!”, [...]

“Não tem coisa que eu deteste mais do que o trânsito. Eu prefiro andar para o lado errado a ficar parado lá.” *Rolling Stone Brasil* (2013)

Anteriormente realizado no Jockey Club, o evento enfrentava limitações estruturais e restrições de capacidade. O Autódromo proporcionou um ambiente maior, permitindo a montagem de vários palcos sem interferência de som entre eles, maior variedade de atrações e melhor infraestrutura para acomodar 300 mil espectadores. Perry na mesma coletiva de imprensa citou de forma positiva a nova infraestrutura do festival em relação ao Jockey Club:

“Aqui, eu consigo respirar mais fundo do que lá [Jockey Club]. Para ser sincero, os banheiros tinham aquele cheiro, que se juntava com o dos cavalos... Nada atrapalha mais do que o cheiro ruim. [...] O mau cheiro pode atrapalhar toda a diversão, cara!” *Rolling Stone Brasil* (2013)

A mudança envolve o transporte e a logística, uma vez que ofereceu acessos por trem pela linha 9 esmeralda e estacionamentos maiores. A nova localização consolidou o evento como um dos maiores eventos musicais do Brasil.

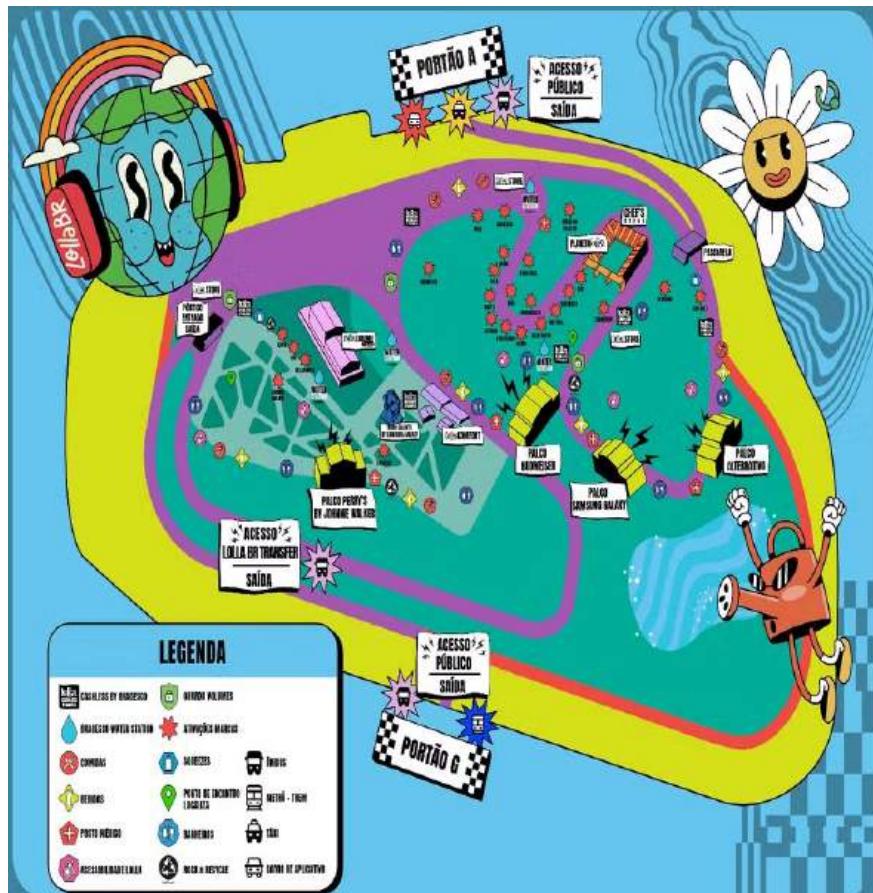


Figura 4 - Mapa Lollapalooza São Paulo 2024 Gshow. Disponível em:
<https://gshow.globo.com/festivais/lollapalooza/2024/noticia/lollapalooza-2024-veja-detalhes-do-mapa-do-festival.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2024.

O festival continuou sua expansão mundial com edições em Berlin, Paris, Stockholm e Mumbai. Os eventos ao redor do mundo compartilham características fundamentais que garantem sua identidade global, mesmo com adaptações locais. Todos seguem o formato de festivais multidias (geralmente dois ou três), com lineups diversificados que incluem gêneros como rock, pop, música eletrônica e hip hop, mesclando artistas consagrados e emergentes. Realizados em grandes áreas urbanas, aos modelos do Grant Park em Chicago e o Autódromo de Interlagos em São Paulo, a infraestrutura é padronizada, com múltiplos palcos, áreas de alimentação e experiências interativas. Dentro do festival pode-se encontrar rodas gigantes, tirolesas, estandes temáticos de cada patrocinador do evento, distribuição de produtos e comida em forma de food trucks de restaurantes.

Como exemplo no Brasil, dentro do festival Lollapalooza, a área patrocinada pelo McDonald " s oferece uma experiência interativa e exclusiva para os visitantes, combinando a marca com o ambiente vibrante do evento. Tradicionalmente, o espaço patrocinado pela rede de fast food é projetado para proporcionar como descrito pela empresa “uma pausa confortável no meio da agitação do festival, com áreas de descanso, decoração temática e, atividades especiais, como jogos ou atividades promocionais.” Além disso, todos os realizadores relatam que há um compromisso com a sustentabilidade, com iniciativas de reciclagem e uso consciente de recursos.



Figura 5 e 6 - Line ups Lollapalooza Berlin (2024) e Lollapalooza Mumbai (2025) 99Festivals. Disponível em: <https://www.99festivals.com/line-up-lollapalooza-berlin-2024-compleet/>. Acesso em: 10 dez. 2024. e THE ECONOMIC TIMES. Lollapalooza India 2025 tickets: Disponível em: <https://economictimes.indiatimes.com/news/new-updates/lollapalooza-india-2025-tickets-how-to-buy-green-day-and-shawn-mendes-mumbai-music-festival-tickets/articleshow/113217023.cms?from=mdr>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Percebe-se um padrão de expansão do festival através de cidades que já de alguma maneira contem seus status mundiais e relevância global, podendo ser consideradas cidades globais. Como discutido no capítulo 1, sediar o Lollapalooza como megaevento na ótica do empresariamento impulsiona o marketing interno da gestão das cidades cumprindo uma dupla função a “cidade festiva”, termo descrito pela autora Maria Gravari-Barbas se refere a agenda e modelagem das cidades, mas também ao espírito social adotado no espaço. São Paulo a cidade dos festivais começa a se tornar parte do imaginário da cidade num coletivo. Isso focaliza nacionalmente o mercado musical no Sudeste do país e coloca a capital num status imaginário diferenciado perante outras capitais no Brasil.

O autor Ferreira discute o conceito da cidade global numa visão mítica de maneira que acredita que a busca pelo status global nas cidades da América Latina não passa de um apoio para os empreendedores urbanos “canalizar os recursos públicos, de forma a sustentar a construção de supostas “centralidades globais terciárias”, desviando, assim, as políticas públicas das prioridades prementes ligadas a uma demanda social”. (FERREIRA, 2004, pp. 26)

Ferreira também acredita, numa perspectiva diferente do empresariamento como modelador urbano, que o conceito de cidade global acaba de maneira equivocada sendo difundido pela academia como única solução para cidades adquirem seus *status* globais.

Essa suposta “vocação” da cidade de São Paulo para ser “cidade-global” passou, então, a ser discutida na academia, propagandeada pela mídia, festejada pelo capital imobiliário e incentivada pelo poder público, usando-se como prova ofato que vêm surgindo na cidade, desde meados da década de 80, novos bairros “de negócios”, concentrações de edifícios que a nomenclatura “globalizada” (FERREIRA, 2004, pp.27)

Essa perspectiva vai de acordo com o questionamento do status da cidade global de São Paulo, junto com algumas outras cidades em que o festival Lollapalooza se instalou nos últimos anos. A procura pelo mito global e o espírito coletivo do “centro onde tudo acontece” é concretizado através de grandes festivais como o Lollapalooza, ou retroalimenta um governo de interesses em áreas específicas. Ferreira exemplifica que esses interesses específicos estão diretamente conectados ao mercado imobiliário. Em suas palavras:

Para o mercado imobiliário, o qual se insere no grupo social das “classes dominantes”, a participação nesse esforço de construção da imagem de uma “cidade-global” parece natural, pela mobilização que ele representa em torno de possibilidades de investimentos e rentabilidade em um cenário recessivo. Se o modelo da “cidade-global” favorece as classes dominantes, é porque favorece, essencialmente, como veremos, oligarquias arcaicas a atuarem no mercado imobiliário (FERREIRA, 2004, pp. 28)

Mesmo com esses questionamentos de espírito e interesses identifica-se que a cidade de São Paulo parece refutar qualquer dúvida que os investimentos na realização de megaeventos irão diminuir nos próximos anos, e deixa claro que o interesse da capital paulista é se tornar o centro dos eventos musicais e esportivos. E o status do autódromo de Interlagos como palco desses megaeventos permanece intacto, gerando cada vez mais interesse. O prefeito Ricardo Nunes investiu 190 milhões de reais em reformas no autódromo para o festival The Town, que aconteceu em setembro de 2023. (Autódromo de Interlagos, 2023) Após essa reforma foram anunciadas novas reformas, desta vez no asfalto, com foco em melhorar o espaço para receber o grande prêmio da Fórmula 1. Os investimentos anunciados foram de 275 milhões de reais. (MOTORSPORT, 2024).



Figura 6 - Reformas no autódromo de Interlagos para o Festival The Town. GRANDE PRÊMIO. Interlagos: por que o palco da Fórmula 1 no Brasil precisou se transformar e a que custo. 2024. Disponível em: <https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/interlagos-por-que-o-palco-da-formula-1-no-brasil-precisou-se-transformar-e-a-que-custo/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

No próximo capítulo será feita uma contextualização histórica do autódromo de interlagos e o bairro que compõem seus arredores. Serão discutidos os impactos dos projetos criados para remodelar a região.

Capítulo 3 - Sobre comportar megaeventos na cidade

3.1 O Autódromo de interlagos

Localizado na Zona Sul de São Paulo, no distrito de Cidade Dutra, o Autódromo de Interlagos hoje é a casa de diversos megaeventos na cidade de São Paulo. Além do GP de fórmula 1 do circuito mundial, o autódromo recebe os festivais de música: Lollapalooza, The town e Primavera sound. Para tanto, o autódromo e a área de entorno têm passado por reformas para se adaptar às demandas do capital internacional. Chama atenção o fato de que uma área periférica e distante do centro da cidade possa receber um tal investimento e frequência de eventos internacionais. Por exemplo, o sítio eletrônico G1 fez um levantamento de informações para tentar compreender o porquê do espaço ser a localização preferencial dos megafestivais em São Paulo no século XXI e concluiu através de entrevistas com profissionais do mercado de shows que “não existe nenhuma outra área em São Paulo que comporte um público de 50 mil ou mais pessoas. Não nos moldes de um festival que oferte palcos simultâneos e dispense a ira da vizinhança local” (G1, 2023).

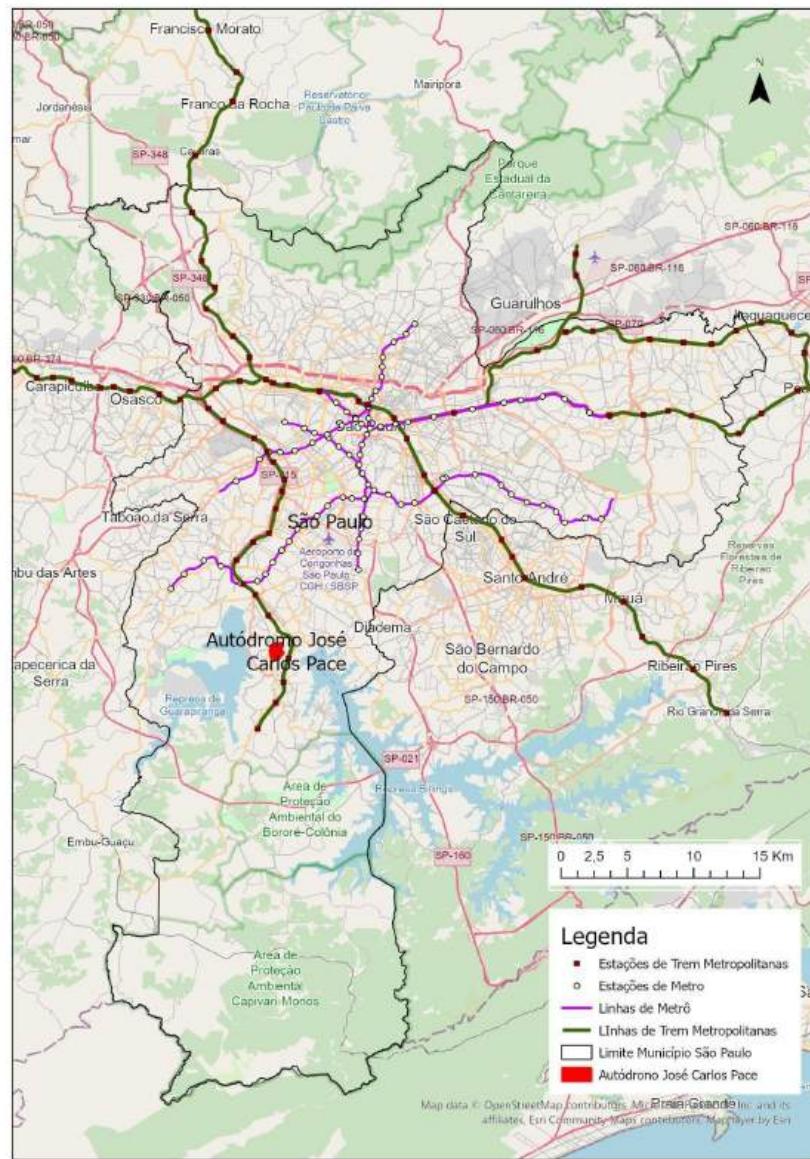


Figura 7 - Mapa de Localização. Fonte Elaboração própria

O acesso ao Autódromo de Interlagos se dá principalmente pelas avenidas Interlagos e Senador Teotônio Vilela, além da proximidade com a Marginal Pinheiros. No que se refere ao transporte público, a estação “Autódromo” da Linha 9 – Esmeralda do trem metropolitano, localizada a cerca de 750 metros do local, constitui a principal alternativa de mobilidade para os visitantes que utilizam transporte público para se deslocar até o evento.



Figura 8 - Mapa acesso ao autódromo. Elaboração própria

O Autódromo foi inaugurado em 1940 como parte de um processo de urbanização da região de Interlagos, situada entre as represas Guarapiranga e Billings. O espaço foi idealizado no contexto de um projeto mais amplo de desenvolvimento urbano, que visava não apenas a construção da pista de corrida, mas também a valorização do território por meio de empreendimentos imobiliários. O idealizador do projeto foi o engenheiro britânico Louis Romero Sanson, dono da empresa Auto-Estradas S.A. (AES), junto com o urbanista francês Alfred Agache, tinha acabado de trabalhar no Plano para Remodelação, Expansão e Embelezamento do Rio. Agache viu uma semelhança da região sul de São Paulo com Interlaken, na Suíça (Autódromo de Interlagos, 2023)¹.

¹ AUTÓDROMO DE INTERLAGOS. **História do Autódromo de Interlagos**. Disponível em: <https://autodromodeinterlagos.com.br/conheca-interlagos/historia/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

Os empresários aproveitaram as terras distantes do centro da cidade no final dos anos 20 para comprar terrenos baratos e construir empreendimentos que mirasse as populações mais ricas e assim valorizar a região por meio de suas construções. (DOMINGUES, 2007). O projeto contava em construir o autódromo, um hotel, estruturas residenciais e uma praia artificial na represa. A intenção era que o bairro fosse uma cidade satélite da capital, autossuficiente, tendo todos os amparos necessários para se viver confortavelmente sem precisar percorrer todos os dias os 20km até o centro.

O ESTADO DE S. PAULO

DIRETOR: JULIO MESQUITA ZELMIRO
JULIO MESQUITA (Co-Diretor: 1608-4827)

REDATOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ANNO LXIV S. PAULO — SÁBADO, 27 DE AGOSTO DE 1938

EDICAO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO CRISTO, 87-109 - TEL. 2-1112
AFLICIONES GRÁFICAS: RUA DO CRISTO, 109 - TEL. 2-1112

NUM. 21.135

REALISAÇÕES

A Sociedade Anonyma Auto-Estradas, fundada em 1927, iniciou a construção da Auto Estrada Santo Amaro em 1928, completando-a em 1930. Deu assim à Capital, com essa importante via de comunicação, o seu passeio mais agradável e pitoresco. Iniciou, em 1936, a construção do Aeroporto de Congonhas em condições técnicas tais que o Governo do Estado resolreu adquiri-l-o, e entregar-lhe a conclusão das obras.

Agora, apresenta ao público mais duas obras de vulto em plena execução:

INTERLAGOS
CIDADE SATELITE DA CAPITAL
ANTEPROJECTO DA PRIMEIRA SEÇÃO

PROPRIEDADE DA
S/A. AUTO ESTRADAS

INTERLAGOS
cidade satélite da Capital, projectada pelo Prof. Alfred Agache e destinada a residências de exceléncia, com amplas avenidas, bosques, praias e diversões.

AUTODROMO - INTERLAGOS
com 8 kilómetros de pista pavimentada, com visibilidade completa e segurança absoluta para o público; estudado de colaboração com o "AUTOMOVEL CLUB DO ESTADO DE SÃO PAULO".

A partir das 15 horas de amanhã, domingo, ambas as obras estarão franqueadas à visita do público.

Auto-estradas

RUA LIBERO BADARÓ 443

DIRECTORIA :

EDGARD CONCEIÇÃO	Presidente	ALFRED AGACHE	Conselho Fiscal
ERNESTO DIESBERGEN	Vice-Presidente	CARLOS GOMES PIADÓ	Conselho Fiscal
F. F. SULCA TELLES	Secretário	GUILHERME PRATES	Conselho Fiscal
EZEQUIEL B. DE QUEROUZ MATTOSO	Director	LUIZ ROMERO SAMSON	Superintendente
HEITOR FREIRE DE CARVALHO	Director	ESIDORO A. DE MATTOS FERREIRA	Contas

SOCIEDADE ANONYMA

TELEPHONE, 2-8695

Figura 9 - Modelo construção Bairro Interlagos de 1938. AUTÓDROMO DE INTERLAGOS. História. 2024. Disponível em: <https://autodromodeinterlagos.com.br/conheca-interlagos/historia/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

O projeto de Louis foi inspirado nos “bairros jardins” de acordo com a concepção de cidade jardim definida pelo inglês Ebenezer Howard (século XIX), onde se deveria construir uma unidade autônoma e autossuficiente, capaz de reunir, numa mesma área, os locais de trabalho e moradia, rodeados por cinturões verdes, por isso a “Cidade Satélite Balneária de Interlagos”. (GALHARDO, SOMEKH, 2012). O bairro de Interlagos nasceu de um conceito privado e excludente e carrega até os dias atuais essas marcas. Da cidade satélite, aos condomínios fechados construídos nos anos 80, o distrito Cidade Dutra, segundo o Mapa da Desigualdade 2022, elaborado pela Rede Nossa São Paulo e pelo Instituto Cidades Sustentáveis, ocupa a 21^a posição entre os 96 distritos de São Paulo em termos de remuneração média mensal, além de apresentar uma expectativa de vida ao nascer de 66,1 anos, índice inferior em 14 anos à média do bairro dos Jardins.

Com a crise de 1929 nos Estados Unidos os fundos para a construção do bairro autossuficiente de Louis se esgotaram (Autódromo de Interlagos, 2020). A construção do autódromo fomentada pelo mercado automobilístico e a crescente indústria de corridas de carro, retomou a construção do bairro em 1939. O autódromo foi inaugurado junto à estrada de interlagos, a ponte sobre Jurubatuba e luxuoso hotel para receber turistas em 1940.



Convite

A Sociedade Anônima Auto-Estradas, pela sua Diretoria aliada assinada, convide as autoridades, os técnicos, os veículos de imprensa, e o público em geral, para a inauguração da pista de 20 mts. de largura, que está sendo construída, desde Setembro de 1938, data em que o público assistiu ao início dos trabalhos.

Este apresentação de pista, a que assiste Diretores e técnicos do Automóvel Clube do Brasil, organizadores das corridas de Grandes Prêmios, é realizada, intencionalmente, antes de seu finalamento, para poderem ser apresentadas as sugestões que possam melhorar mais perfeitamente o Autódromo Interlagos, destinado a ser, para futuro próspero, a maior atração turística da nossa Capital.

São Paulo, 13 de Abril de 1939

ENGR. CONCEIÇÃO
FRANCISCO L. DA SILVA TELLES

Presidente
• Presidente
GERALDO R. DE OLIVEIRA MACHADO
GERALDO PRADO CARVALHO
JOAQUIM GOMES

Banquetes



Trajetos: Pela Auto-Estrada Santo Amaro, até Socorro; dali até à cidade-satélite "INTERLAGOS" e no AUTÓDROMO INTERLAGOS, o trajeto está devidamente demarcado por meio de flechas.

A LINHA DE ÔNIBUS DA SA AUTO ESTRADAS, para INTERLAGOS, SERÁ INAUGURADA HOJE, AO MEIO-DIA, PARTINDO OS ÔNIBUS DA PORTA DO HOTEL ESPLANADA

Figura 10 - Recorte do jornal *Folha da Manhã* com o convite para visitar o autódromo, ainda em obras no ano de 1939. AUTÓDROMO DE INTERLAGOS. História. 2024. Disponível em: <https://autodromodeinterlagos.com.br/conheca-interlagos/historia/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Na reportagem exposta na foto o texto dá importância às auto estradas recém inauguradas até o local e à linha de ônibus também inaugurada pela companhia Auto Estradas S.A. A história dos projetos de urbanização em São Paulo revela como o papel de expansão do loteamento urbano e da infraestrutura foi frequentemente delegado a empresas privadas. Essas empresas, que acumulavam funções como loteamento, arruamento e transporte, atuavam com anuência pública para garantir a valorização de seus próprios terrenos.

Entre os resultados do projeto de Sanson, destacam-se as avenidas Washington Luís e Interlagos, além do Aeroporto de Congonhas (Autódromo de Interlagos, 2020), exemplificando o papel do privado com o público na urbanização e estruturação da cidade de São Paulo.

3.2 Arco jurubatuba e arredores do autódromo

O Arco Jurubatuba, situado na zona sul da cidade de São Paulo, abrange bairros como Jurubatuba, Interlagos, Cidade Dutra e Grajaú, caracterizando-se como uma região de contrastes sociais e econômicos significativos. Segundo dados do **Mapa da Desigualdade 2022**, elaborado pela Rede Nossa São Paulo, essa área apresenta indicadores como baixa remuneração média mensal de 2329,04 reais, abaixo da média de São Paulo de 4.002,2 reais e desigualdade no acesso a serviços urbanos. O Arco Jurubatuba possui grande relevância estratégica para a expansão urbana, sendo cortado por importantes avenidas, como a Avenida Interlagos e a Senador Teotônio Vilela, e servido pela Linha 9-Esmeralda da CPTM, o que conecta a região ao centro da cidade. Mesmo com a presença da CPTM na região, o tempo de deslocamento é em média 46 minutos, acima da média da cidade de São Paulo de 42 minutos.² Esses contrastes refletem as dinâmicas desiguais da urbanização paulistana, onde processos de modernização coexistem com déficits históricos em qualidade de vida.

O autódromo está inserido no distrito de Cidade Dutra e faz parte do território abrangido pelo Arco Jurubatuba, na zona sul de São Paulo. Com uma população de 150.000 mil habitantes, segundo dados da prefeitura de São Paulo. Embora o autódromo seja um polo de grandes eventos internacionais, como o Grande Prêmio de Fórmula 1 e festivais de música. De acordo com a Subprefeitura da capela do Socorro, o bairro nasceu da necessidade de mão-de-obra da Light e de outras empresas. O Loteamento tinha infra-estrutura básica com algumas ruas pavimentadas e pouca iluminação pública. A água era bombeada das nascentes que formavam o Lago do Autódromo. Em contraste com o plano de construir um bairro autossuficiente para classes mais ricas da população, nos anos 50 e 60 o bairro foi ocupado por famílias e operários.

Nos anos 1980, a região de Interlagos começou a vivenciar a chegada de condomínios fechados, um fenômeno que marcou a transformação do bairro de um espaço predominantemente residencial para um ambiente marcado pela segregação social e a busca por maior segurança.

“Podemos observar a crescente opção por áreas habitacionais cada vez mais separadas e isoladas da cidade. No caso da região de Interlagos, seus espaços tornam-se áreas fragmentadas: de um lado, o bairro quase particular; do outro, um parque elitizado (como é o caso do Autódromo), a margem da represa com usos

² Mapa da desigualdade 2022. Disponível em:
https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Tabelas.pdf
Acesso em: 01/12/2024.

precários ou privativos, uma zona industrial que vai se desfazendo e, com a implantação de condomínios ao longo dos anos, diversas áreas com núcleos dispersos e descontínuos". (GALHARDO; SOMEKH, 2023, p. 83)

Este movimento foi impulsionado pela crescente valorização imobiliária e pela crescente demanda de classes médias e altas por espaços privados e com maior controle de acesso. A implementação de condomínios fechados em Interlagos refletiu uma tendência mais ampla de urbanização na zona sul de São Paulo, com o objetivo de afastar os moradores das áreas de maior vulnerabilidade e risco. Esses novos isolamentos sociais estão em tese com as ideias discutidas Harley sobre o Empresariamento na Urbanização das cidades. Parcerias públicas privadas em prol do embelezamento pontual de um ponto da cidade, no caso os arredores do autódromo, criando exclusão, gentrificação da área e expulsamento de populações mais pobres. A vida em condomínio, porém, permite de certa forma a convivência distônica entre as duas partes. Em que na região pode-se encontrar favelas e condomínios encostados umas as outras, incluindo o contato nas paredes do autódromo.



Figura 11 - Gilmar de Santana dono da “laje do Gilmar” na avenida Interlagos, vizinho do autódromo.
Disponível em:
<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/the-town/2023/noticia/2023/09/07/tradicional-laje-de-interlagos-para-f-1-nao-abre-portas-para-the-town-publico-quer-ver-artista-e-aqui-nao-da-diz-dono.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Integrado ao Arco Jurubatuba, o entorno do autódromo levanta muita polêmica no processo de reforma urbana da região. Não é possível desvincular a presença do autódromo nas tomadas de decisões ao se analisar as propostas para a região, por ser a casa dos megaeventos em São Paulo, é preciso levá-los em consideração também nas análises.

Na área denominada Arco do Futuro, se pretende realizar “uma reestruturação de uso nos dois principais rios da cidade, o Tietê e o Pinheiros, e nele se almejava estimular a construção de moradias em terrenos subutilizados, destinando a atenção ao planejamento das linhas férreas, que atualmente é mais voltada ao transporte de passageiro e no acesso às represas, para que estas pudessem ser um espaço público de lazer e convivência (SÃO PAULO, 2013).” Pode-se observar uma das propostas para a área no mapa abaixo:

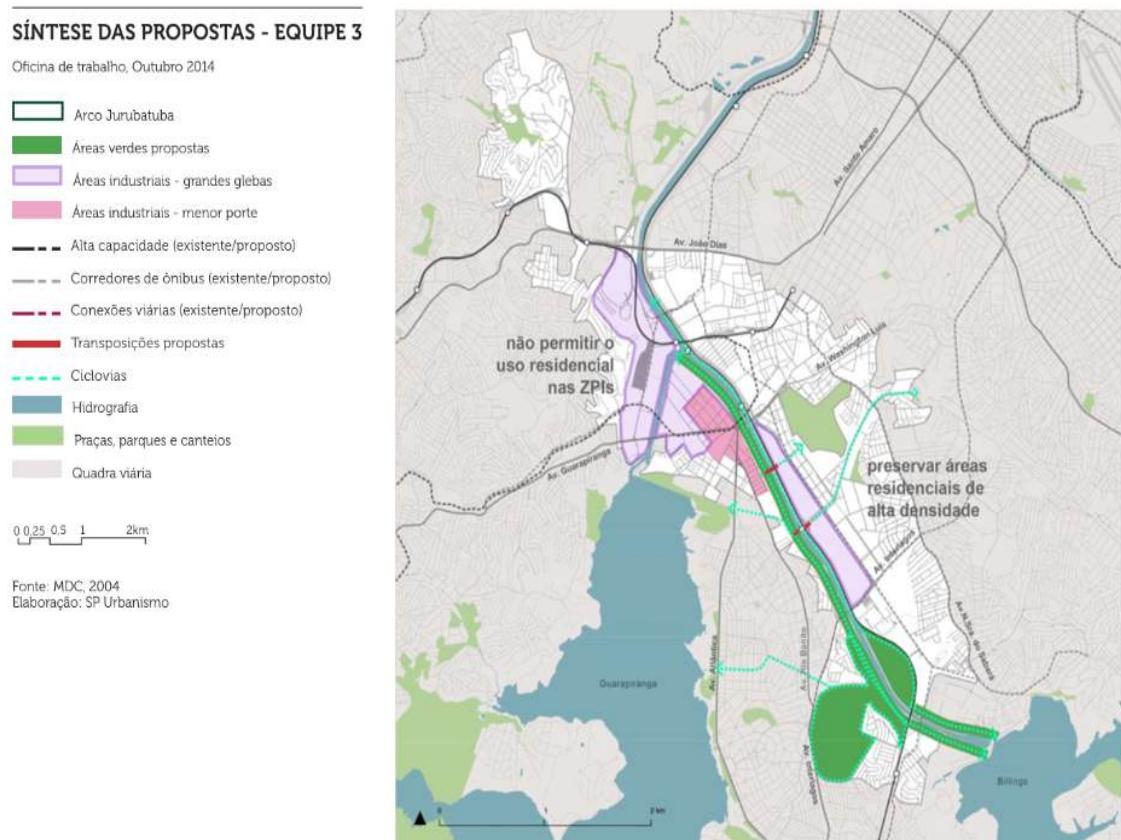


Figura 12 Mapa Síntese das propostas para reestruturação urbana do arco jurubatuba Fonte: (SÃO PAULO URBANISMO, 2016).

A reestruturação urbana, apesar de parecer beneficiar a cidade como um todo, e principalmente o transporte público, tem implicações complexas e muitas vezes controversas. A ideia de transformar espaços subutilizados e revitalizar áreas marginalizadas implica para

os arredores do autódromo gentrificação, deslocando populações de baixa renda e alterando drasticamente a dinâmica social local.

As intervenções planejadas no Arco Jurubatuba, em particular, destacam uma tendência de renovação urbana que se alinha com interesses corporativos e de grandes investidores, os mesmo que financiam megaeventos na região. O autor Viana coloca que “Demandas exigidas por eventos de grande envergadura ocorra com valorização do ambiente de negócios empresariais em detrimento dos interesses sociais”(VIANNA, 2019, p.82). À medida que o estado faz intervenções socioespaciais para o capital privado em prol de grandes eventos de entretenimento, fica mais invisível aos olhos da sociedade civil os impactos dessas intervenções. Os holofotes que brilham sobre esses megaeventos podem ofuscar injustiças e revelar hipocrisias. Em São Paulo, um dos maiores festivais de música com atrações internacionais do país recebe todos os anos denúncias de trabalho análogo à escravidão em empresas terceiras contratadas para montar o festival (G1, 2023). Todos os anos o festival lota o autódromo de interlagos nos dias que ocorrem.

Os impactos negativos, muitas vezes ocultos, das intervenções urbanas voltadas para megaeventos, evidenciam uma dissonância entre o glamour apresentado e a realidade vivida por trabalhadores e residentes locais. Dinâmicas de exclusão e marginalização são reforçadas pela falta de transparência e participação pública no processo de planejamento urbano. As decisões são frequentemente tomadas pelas coalizões das empresas e autoridades governamentais, sem um diálogo significativo com as comunidades afetadas. Isso perpetua um ciclo de desenvolvimento urbano que privilegia o lucro sobre as pessoas, alinhando-se com a ideologia neoliberal que valoriza a eficiência econômica e a competitividade acima da justiça social. No caso do Arco Jurubatuba os autores Barbosa, Ungaretti e Magami argumentam que as consultas públicas em respeito a intervenção urbana (PIU) foram realizadas com pouco diálogo para intencionalmente diminuir a participação social e apresentam proposta de remodelação de áreas o que significaria desapropriar a terra de 350 famílias. É possível observar as comunidades impactadas no mapa abaixo:

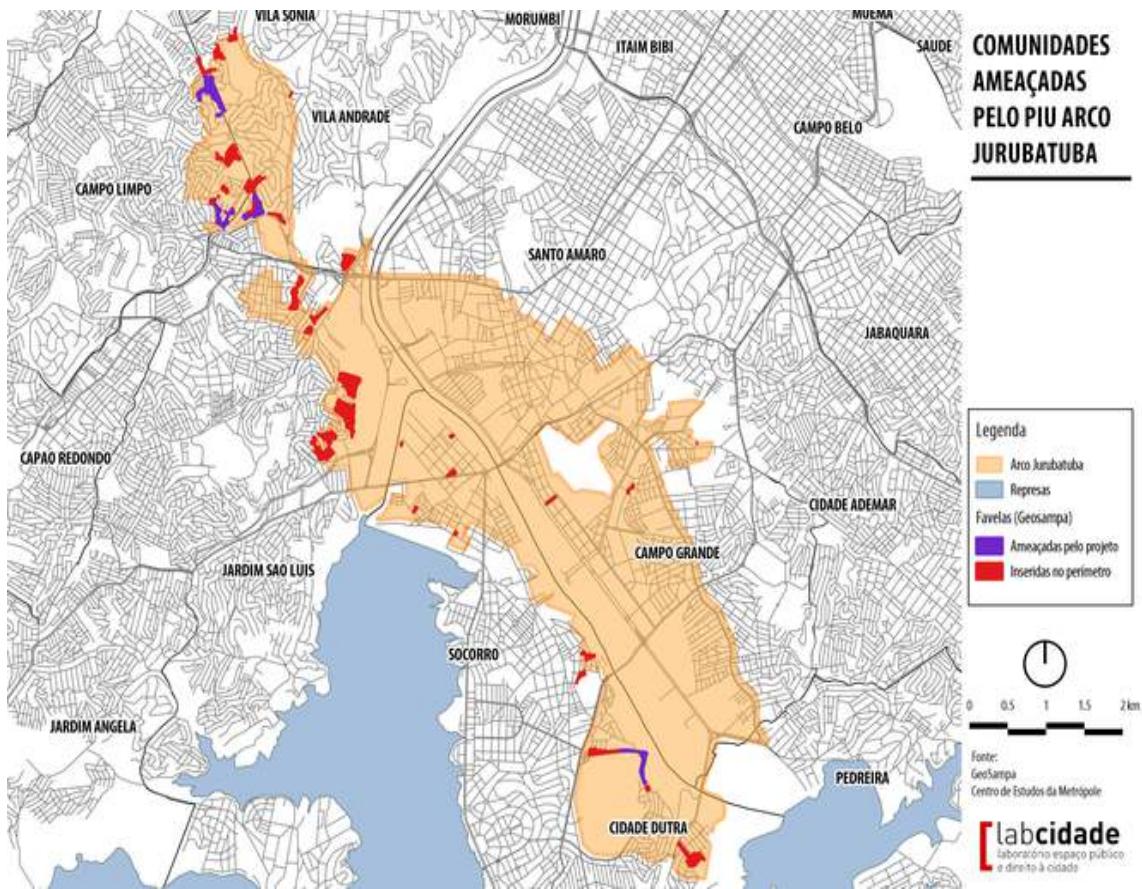


Figura 13 Mapa Comunidades ameaçadas pelo PIU Arco Jurubatuba. Fonte LabCidade

Muito se justifica as reformas urbanas em vontades populares, a falta de consulta pública para uma intervenção urbana pautada numa região da cidade de São Paulo que se coloca como palco para os megaeventos da cidade, revela uma contradição nesse discurso. As vontades populares e a demanda por entretenimento apenas seguem vontades do capital idealizados por entidades privadas, o Estado associa-se a essas entidades com interesse de vencer uma competição entre outros Estados. Em espírito de vitória os interesses populares ficam apagados e se estabelece um Estado de exceção. Neste contexto estado de exceção é o momento que as “Normas existentes são suspensas e/ou alteradas para propiciar a continuidade da acumulação ampliada do capital, a sociedade submetendo-se às imposições de entidades de caráter privado.” (RODRIGUES, 2013).

As populações de baixa renda que vivem em torno do autódromo são as mais afetadas por esse processo, já na lógica do capital, essas são as primeiras a serem expulsas de seus

espaços e tentam ser escondidas dos olhares do público externo. Pobreza no contexto global não sustenta uma imagem de cidade referência. Harvey completa essa ideia com o trecho

Mas é a generalidade da competição interurbana, dentro do quadro geral do desenvolvimento geográfico desigual capitalista, que parece, nesse sentido, competir as opções onde “maus” projetos expulsam os “bons” e onde coalizões de classe benevolentes e bem intencionadas se comprometem a ser “realistas” e “pragmáticas” a um grau que se faz atuar de acordo com as regras de acumulação do capital em vez de perseguir o objetivo de atender as necessidades locais ou maximizar o bem estar social. (HARVEY, 1989, pp. 62 a 63)

As dicotomias do espaço nesse contexto urbanização empresarial ficam escancaradas perante populações mais pobres e pontos de interesses governamentais. O autódromo de Interlagos não poderia servir um exemplo tão mais claro. Populações sofrem com remodelações urbanas servindo interesses privados, presenciam eventos milionários 4 vezes ao ano mas tem apenas 2% de proporção de equipamentos públicos de cultura (municipais), para cada cem mil habitantes, por distrito.³

No próximo capítulo serão discutidos os impactos do megaevento Lollapalooza na cidade de São Paulo.

³ Mapa da desigualdade 2022. Disponível em:
https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Tabelas.pdf
Acesso em: 01/12/2024.

Capítulo 4 - impactos na cidade de São Paulo

Os números do impacto econômico dos megaeventos em São Paulo são muito relevantes. De acordo com um levantamento do Jornal CNN o Turismo movimentou 289,6 bilhões de reais ao longo de 2023 e os megaeventos na cidade, principalmente os musicais, foram responsáveis por grande impulsionamento nesse número. Apenas os shows da cantora Taylor Swift foram responsáveis por movimentar na capital 240 milhões de reais. A Associação Brasileira de Produtores de Evento (Abrape) relatou que o setor de eventos registrou um aumento de 46,6%, sendo consolidado como o maior gerador de empregos no país em 2023. A Diretora de Marketing da travel tech Maxmilhas, em entrevista à CNN relatou que:

O calendário de megaeventos do Brasil está cada vez mais cheio e diverso. Analisando essas oportunidades e estudando as preferências dos viajantes, os eventos são momentos propícios para que a hotelaria e as outras frentes do turismo potencializem serviços e seu faturamento. Na vertical de hotéis da Maxmilhas, o aumento na procura de hospedagens durante eventos de destaque é significativo e, considerando a agenda nacional, a tendência é que o impacto nos índices anuais da frente seja ainda maior” CNN Brasil (2024)

Os dados da Maxmilhas também reforçam a importância dos grandes festivais de música no seu faturamento. De acordo com a companhia, o aumento de reservas na capital paulista durante o Lollapalooza, que aconteceu em março de 2023, chegou a 70% em relação ao mesmo período de 2022. Ainda sobre o lollapalooza, o Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo (OTE), relatou que o evento movimentou cerca de 931,3 milhões de reais de forma direta e indireta. A pesquisa também apontou que cada turista gastou cerca de 3.499,02 reais na cidade durante o festival e que 46,7% dos turistas chegaram a São Paulo por avião.

Com a intenção de expandir o aparente lucrativo mercado de eventos musicais em São Paulo, o líder do governo na Câmara Municipal, Fábio Riva, propôs em 2022 um projeto de Lei para aumentar o limite de barulho em shows e eventos de grande porte em São Paulo. O projeto propunha aumentar o limite de 55 decibéis para 85 e foi aprovada de maneira “Jabuti” ou seja foi inserida de última hora em um projeto que não se relacionava com o assunto , uma lei sobre cozinhas industriais, e não passou por debates e consultas públicas.

A gestão do prefeito Ricardo Nunes tentou alterar o texto para que o aumento fosse restrito apenas às ZOEs áreas especiais, que exigiam regras específicas, como aeroportos, centros de convenção, universidades, além de grandes áreas de lazer, recreação e esportes, a exemplo do Allianz e o do Anhembi. Também estão nas ZOEs outros equipamentos de grande porte, como o Campo de Marte, na zona norte, o Autódromo de Interlagos, o Estádio do Morumbi e o Ginásio do Ibirapuera, na zona sul. (EXAME, 2022).

Ainda de acordo com a reportagem da revista EXAME, a justificativa da prefeitura para o projeto foi o fator econômico positivo para a cidade, porém a principal empresa interessada na mudança foi a WTorre, gestora do estádio Allianz Parque, casa dos principais shows internacionais na cidade de São Paulo. Após a primeira votação da lei uma audiência pública foi estabelecida, onde se estabeleceu o embate entre a WTorre e a população que vive nas vizinhanças do estádio.

O TJ Órgão Especial do Tribunal de Justiça de São Paulo acabou considerando a mudança inconstitucional, pela maneira em que a Lei foi aprovada sem debate e considerou a proposta um retrocesso ambiental e a saúde, já que a exposição prolongada a sons altos pode causar problemas fisiológicos. A revista Exame concluiu que a lei estava operando em favor da WTorre, já que a maior parte dos shows realizados no estádio ultrapassam o limite permitido de barulho, o que gera multas constantes para a empresa. Dessa maneira se identificou um projeto atuando em prol do capital privado e não pelo bem estar da população.

Os impactos dos mega festivais em São Paulo não se limitam apenas a disputas políticas e econômicas, mas geram impactos na infraestrutura da cidade, nos dias de Lollapalooza, em seu relatório anual, sobre o Evento Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo (OTE) identificou que 43,4% do público que atendeu o festival era da capital e 12,3% da grande capital. 11,4% eram de cidades no interior do estado e 32,6% de outros Estados do Brasil. A pesquisa também identificou que o principal modo de transporte para o festival foi pela Linha 9 Esmeralda da CPTM utilizada por 50,6% dos entrevistados, seguida por carros de aplicativos com 21,8%.

Para comportar o esforço extra no transporte público, a prefeitura em parceria com a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), o Metrô e o festival lollapalooza, implementou uma operação contínua por 24 horas durante os dias do evento, reforçando o quadro operacional e disponibilizando trens extras em caso de necessidade. No período entre 4h e 0h, o funcionamento seguiu os horários normais; no entanto, das 0h às 4h, todas as estações permaneceram abertas para transferências entre linhas e desembarques. De forma semelhante, o Metrô manteve as estações abertas entre 0h e 4h40 para transferências e

desembarque, retornando à operação regular das 4h40 às 0h, com equipes de atendimento e segurança reforçadas durante todo o período (Prefeitura de São Paulo, 2023).

Durante o Lollapalooza, a concessionária ViaMobilidade, responsável pelas Linhas 8-Diamante e 9-Esmeralda, disponibilizou um serviço de trens expressos para facilitar o deslocamento dos fãs até o Autódromo de Interlagos. O serviço, oferecido por meio de um *passaporte especial*, permitiu viagens diretas entre a Estação Pinheiros e a Estação Autódromo, localizada a menos de 700 metros do portão de entrada do evento, o equivalente a cerca de oito minutos de caminhada. Cada passaporte custava 30,00 reais e incluía tanto a ida quanto o retorno em trens exclusivos e sem paradas intermediárias, garantindo maior conforto e rapidez para os passageiros.

As viagens partiram da Estação Pinheiros, conectada à Linha 4-Amarela, e não interferiram na operação regular da Linha 9-Esmeralda. O serviço expresso ofereceu embarque com horários marcados e filas segregadas do tipo "Fast Pass" na Estação Autódromo, enquanto o retorno ocorreu em horários fixos, com partidas a partir da meia-noite até as 2h30. Após esse período, o serviço regular da Linha 9-Esmeralda foi retomado com paradas em todas as estações.

Duas linhas de ônibus também foram adicionadas 607L/10 Autódromo de Interlagos – Term. Santo Amaro e 607L/01 Autódromo de Interlagos – Term. Santo Amaro realizando o caminho inverso da primeira linha. Por conta dos bloqueios nas ruas do entorno do autódromo, diversas linhas tiveram suas rotas alteradas, o que afetou a população local.

A Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP-SP) também organizou um esquema especial de segurança para o Festival Lollapalooza. Durante os três dias de evento, a Polícia Militar mobilizou um efetivo de 2.400 agentes, além de mais de 300 viaturas, incluindo unidades especializadas como a ROTA, a Cavalaria, o Corpo de Bombeiros e a ROTAM.

A Polícia Civil, por sua vez, disponibilizou uma delegacia móvel da Divisão Especializada de Atendimento ao Turista (DEATUR) dentro do evento, para atender possíveis ocorrências. A estrutura contava com uma agente feminina designada para acolher vítimas de importunação sexual e auxiliá-las no registro das denúncias. Além disso, o Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos (GARRA) atuou preventivamente na área externa do autódromo. Adicionalmente, a Delegacia do Turista no Aeroporto de Congonhas foi reforçada para atender ao aumento no fluxo de passageiros durante o festival. A equipe de

plantão contou um policial fluente em espanhol e inglês para atender os turistas estrangeiros que visitaram a capital paulista para participar do evento.

Na edição de 2024, que ocorreu nos dias 22, 23 e 24 de março de 2024, o festival afirmou ter tido um público de 240 mil pessoas, afirma ter gerado 14.346 empregos diretos e indiretos durante o período de montagem, realização e desmontagem do evento. Do valor das vendas de ingresso 1.652.545,30 reais, reunidos com a venda de ingressos na modalidade entrada social, foram destinados à Ação da Cidadania. Já 1.537.500,00 reais foram doados para projetos que visam a preservação do meio ambiente e o bem-estar das comunidades locais. Apesar do compromisso com a responsabilidade social e a sustentabilidade, o festival em suas edições no Brasil foi indiciado diversas vezes por trabalho análogo à escravidão. Na edição de 2023 não foi diferente. “O Lollapalooza foi flagrado submetendo trabalhadores a condições análogas à escravidão. [...] Cinco profissionais que atuavam na preparação do evento foram resgatados” (REPÓRTER BRASIL, 2023).

Os trabalhadores que foram resgatados prestavam serviços para a empresa Yellow Stripe, uma terceirizada contratada pela Time 4 Fun (T4F), responsável pela organização do festival Lollapalooza no Brasil. A T4F, listada na Bolsa de Valores de São Paulo, destaca em seu site de relações com investidores um compromisso com o respeito aos Direitos Humanos e a promoção de um ambiente de trabalho diverso e acolhedor. Apesar dessas declarações institucionais, ambas as empresas foram notificadas pelas autoridades trabalhistas e responsabilizadas pela situação dos trabalhadores resgatados.

A reportagem realizada pelo jornal Repórter Brasil relata que como consequência, as empresas foram obrigadas a pagar aproximadamente 10 mil reais para cada trabalhador, valor correspondente aos salários atrasados, verbas rescisórias e horas extras. O caso de trabalho degradante identificado em um dos maiores e mais lucrativos festivais do Brasil chamou a atenção das autoridades de fiscalização. Segundo a auditora fiscal Lívia Ferreira dos Santos, integrante da equipe que realizou o resgate, a situação observada é emblemática para compreender as raízes estruturais do trabalho análogo à escravidão no país. Ela destaca que o profundo abismo socioeconômico brasileiro resulta em contrastes evidentes, onde, de um lado, algumas pessoas se encontram em situação de extrema vulnerabilidade e suscetíveis à exploração laboral, enquanto, de outro, uma parcela da população possui recursos para pagar valores superiores a R\$ 1.000 por ingressos para eventos de grande porte. Esse contraste

reflete não apenas desigualdades econômicas, mas também a persistência de mecanismos que perpetuam relações de trabalho exploratórias em diferentes contextos.

Considerações Finais

O presente estudo sobre os impactos dos megaeventos na produção e reprodução do espaço urbano, tendo como estudo de caso o festival Lollapalooza em São Paulo, permitiu compreender a relevância dos megaeventos no modo de produção das cidades na lógica neoliberal. Dá-se destaque a maneira que políticos e gestores utilizam dos eventos como soluções para economias em necessidade de impulsionamento, ao mesmo tempo que utilizam dos eventos para impulsionar seus *status* como cidades globais, trabalhando o “branding” das cidades e não tratando de problemas de gestão para o bem comum.

Traçou-se a transição dos festivais de música de ambientes produtores culturais para megaeventos ligados ao capital especulativo. De maneira que o Lollapalooza se destacava como um fenômeno cultural e econômico, um marco do mundo da música alternativa transformado num fenômeno global reproduzido em diversas partes do mundo. Associando a presença do festival em cidades que procuram a atenção da capital num contexto global. Apontou-se que para comportar tamanho eventos investimentos em pontos de interesse nas cidades podem ser hierarquizados em maior importância da gestão visando o bem estar social geral. Destaca-se também a parceria de entidades privadas com entidades públicas simbiose essencial para a realização de um megaevento em uma cidade, de maneira que os interesses privados começam a reger a estrutura urbana das cidades, como discutido por Harvey.

No estudo da cidade de São Paulo a realização do Lollapalooza expôs questões estruturais e desigualdades que permeiam o espaço urbano. Enquanto o evento atrai um público de alto poder aquisitivo, com ingressos que podem ultrapassar os 1.000 reais, os bairros no entorno enfrentam desafios relacionados a baixos indicadores sociais, como a média salarial e a expectativa de vida, evidenciando a persistência de desigualdades no território. Porém entende-se a partir da análise dos números positivos dos ganhos para a cidade de São Paulo impulsionando megaeventos, que a cidade pretende continuar investimentos e esforços nos mesmos, entendendo que a realização de grandes festivais de música no espaço do autódromo gera indicadores muito positivos para a cidade. Assim o governo da cidade de São Paulo se posiciona cego diante aos impactos nas comunidades que habitam os arredores do autódromo versus os ganhos da economia que esses eventos proporcionam.

Conclui-se, portanto, que o Lollapalooza São Paulo, enquanto megaevento, exerce uma influência significativa no urbano, tanto em termos econômicos quanto na reconfiguração do espaço e das relações sociais, mas exerce um papel maior na afirmação de status da capital como cidade global. A realização do festival revela e, em certos aspectos, aprofunda desigualdades na cidade. Assim, faz-se necessário repensar a relação entre megaeventos e o espaço urbano. O desafio reside em alinhar o potencial econômico e cultural de eventos como o Lollapalooza com uma perspectiva de justiça social e desenvolvimento para as áreas que os comportam.

Referências Bibliográficas

ABNT: SASSEN, Saskia. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Os megaeventos na produção e reprodução do espaço urbano.** *Revista Geonorte*, v. 1, n. 4, p. 24-38, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 1. ed. São Paulo: Editora Record, 2000.

HARVEY, D. **Do gerenciamento ao empresariamento:** a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaço & Debates. Cidades: estratégias gerenciais*, 1996 (original em 1989), v.16, n.39, pp. 48-64.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *Mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço terciário em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2007.

VIANA, Lucio Hanai Valeriano. **A ideologia na produção do espaço: os megaeventos como agentes difusores da ideologia (neo)liberal.** *Cadernos Metrópole, São Paulo*, v. 23, n. 52, p. 259-280, jan./abr. 2021.

SASSEN, S. *La ville globale*. Paris: Descartes & Cie., 1996.

SÃO PAULO (Município). *Nota Técnica: Plano Urbanístico*. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. São Paulo, 2018.

GALHARDO, Ana Carolina Soldera; SOMEKH, Nádia. A perda da urbanidade em Interlagos: do bairro residencial ao condomínio fechado. *Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

GRAVARI-BARA, Maria. **Novas festas, novos lugares, novas espacialidades: para uma geografia dos eventos festivos em Paris.** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 7, n. 1, p. 89-104, 2005.

Sites, Artigos de Jornais e Revistas

G1. *Lolla diz que empresa autuada por suposto trabalho escravo descumpriu regra e rescinde contrato.* Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/lollapalooza/2023/noticia/2023/03/23/lolla-diz-que-em-presa-autuada-por-suposto-trabalho-escravo-descumpriu-regra-e-rescinde-contrato.ghtml>.

Acesso em: 23 nov. 2024.

CNN BRASIL. *Os números impressionantes que shows e festivais movimentam no turismo em SP.* Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/viagemegastronomia/noticias/os-numeros-impressionantes-que-shows-e-festivais-movimentam-no-turismo-em-sp/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

EXAME. *Prefeito de SP anuncia reformas em Interlagos e volta a descartar privatização.* Disponível em:

<https://exame.com/brasil/prefeito-de-sp-anuncia-reformas-em-interlagos-e-volta-a-descartar-privatizacao/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. *The history of Glastonbury Festival.* Disponível em:

<https://www.vam.ac.uk/articles/the-history-of-glastonbury-festival/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

LOLLAPALOOZA. *A passion for rocking responsibly, and Lolla these days is no different.*

Disponível em:

<https://www.grammy.com/news/lolla-the-story-of-lollapalooza-documentary-takeaways>.

Acesso em: 23 nov. 2024.

FFW. *Lollapalooza: os altos e baixos da primeira edição brasileira do festival.* Disponível em:

<https://ffw.uol.com.br/noticias/cultura-pop/lollapalooza-os-altos-e-baixos-da-primeira-edicao-brasileira-do-festival/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

SÃO PAULO (Município). SPTrans realiza operação especial de transporte para atender ao público do Festival Lollapalooza 2024. *Portal da Prefeitura de São Paulo*, São Paulo, 29 nov. 2024.

Disponível em:

<https://capital.sp.gov.br/noticia/sptrans-realiza-operacao-especial-de-transporte-para-atender-ao-publico-do-festival-lollapalooza-2024/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

G1. Veja o mapa do festival Lollapalooza Brasil, que acontece em SP. Imagem do mapa do festival Lollapalooza Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/11/veja-o-mapa-do-festival-lollapalooza-brasil-que-acontece-em-sp.html>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MOTORSPORT. **F1: Autódromo de Interlagos realiza reforma de asfalto e infraestrutura avaliada em R\$ 27,5 milhões.** Disponível em: <https://motorsport.uol.com.br/f1/news/f1-autodromo-de-interlagos-realiza-reforma-de-asfalto-e-infraestrutura-avaliada-em-r-275-milhoes/10665504/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

GSHOW. *Lollapalooza 2024: veja detalhes do mapa do festival*. Imagem do mapa do Lollapalooza 2024. Disponível em: <https://gshow.globo.com/festivais/lollapalooza/2024/noticia/lollapalooza-2024-veja-detalhes-do-mapa-do-festival.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2024.

REPÓRTER BRASIL. **Exclusivo: Festival Lollapalooza é flagrado com trabalhadores escravizados em São Paulo.** Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2023/03/exclusivo-festival-lollapalooza-e-flagrado-com-trabalhadores-escravizados-em-sao-paulo/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

AMERICAN SONGWRITER. *Kurt Cobain's Fear of Selling Out: The Story Behind Nirvana's Scrapped Plans to Headline Lollapalooza 1994.* Disponível em: <https://americansongwriter.com/kurt-cobains-fear-of-selling-out-the-story-behind-nirvanas-scraped-plans-to-headline-lollapalooza-1994/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

NEWCITY. *The Art of Lollapalooza.* Disponível em: <https://www.newcity.com/2016/07/20/the-art-of-lollapalooza/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

G1. Por que o Autódromo de Interlagos virou o palco dos festivais em São Paulo em 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2023/12/11/por-que-o-autodromo-de-interlagos-virou-o-palco-dos-festivais-em-sao-paulo-em-2023.ghml>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Lollapalooza SP monta operação especial no transporte público nos dias do evento.* Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/lollapalooza-sp-monta-operacao-e-special-no-transporte-publico-nos-dias-do-evento/>. Acesso em: 1 dez. 2024.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO E EVENTOS. *Relatório final Lollapalooza 2023.* Disponível em: https://observatoriodelturismo.com.br/wp-content/uploads/2023/06/RELATORIO-FINAL-LOLLAPALOOZA-2023_SITE.pdf Acesso em: 1 dez. 2024.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Lollapalooza: Polícia terá delegacia móvel e agente feminina para casos de importunação. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/lollapalooza-policia-tera-delegacia-movel-e-agente-feminina-para-casos-de-importunacao/>. Acesso em: 02 dez. 2024.

G1. Laje vip com vista para F-1 tem clima familiar e até Airton churrasqueiro. *G1 São Paulo,* 13 nov. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/11/laje-vip-com-vista-para-f-1-tem-clima-familiar-e-ate-airton-churrasqueiro.html>. Acesso em: 2 dez. 2024.

AUTÓDROMO DE INTERLAGOS. História do Autódromo de Interlagos. Disponível em: <https://autodromodeinterlagos.com.br/conheca-interlagos/historia/>. Acesso em: 2 dez. 2024.

ROLLING STONE BRASIL. "O mau cheiro pode atrapalhar toda a diversão, cara!", diz Perry Farrell sobre a mudança de local do Lollapalooza Brasil. *Rolling Stone Brasil,* 7 dez. 2024. Disponível em:

<https://rollingstone.com.br/noticia/o-mau-cheiro-pode-atrapalhar-toda-diversao-cara-diz-perry-farrell-sobre-mudanca-de-local-do-lollapalooza-brasil/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

EXAME. Proposta de elevar barulho de shows em SP beneficia as grandes arenas.

Exame, 7 dez. 2024. Disponível em:
<https://exame.com/brasil/proposta-de-elevar-barulho-de-shows-em-sp-beneficia-as-grandes-arenas/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

G1. TJ suspende em definitivo aumento do limite de barulho de 55 para 75 decibéis em estádios e casas de espetáculos em SP. *G1*, 20 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/20/tj-suspende-em-definitivo-aumento-do-limite-de-barulho-de-55-para-75-decibeis-em-estadios-e-casas-de-espetaculos-em-sp.ghtml>.

Acesso em: 9 dez. 2024.